

4468 272 204

# Chuvas prejudicam sustento dos Tapeba

## Além da ausência do pescado, os índios sofrem por causa do aumento das doenças

A miséria continua rondando as 17 comunidades Tapebas. A sobrevivência continua difícil para as 2.700 famílias, composta mais da metade por crianças. A comunidade da Ponte é uma das mais prejudicadas. Embora não tenha enfrentado alagamentos em suas casas neste início de quadra invernal, outras dificuldades surgiram com as últimas chuvas caídas em Fortaleza. É que com o aumento das águas do rio Ceará, ficou muito difícil pescar o carangueijo, o aratu ou o guaimum, crustáceos comuns na região.

Além da ausência de trabalho, outra reclamação dos índios diz respeito às doenças. Cerca de 50% das crianças são atingidas por infecções respiratórias, verminoses, diarreia e desnutrição. Já os adultos sofrem com os problemas dermatológicos, como também são atingidos pelas verminoses. A Fundação Nacional de Saúde (FNS) trabalha há três anos junto aos índios com o intuito de amenizar os imensos problemas de saúde e educação vividos pelas comunidades.

Para completar a situação, os índios da comunidade da Ponte estão revoltados, porque o único posto de saúde existente nas proximidades, feito pelos índios, encontra-se fechado desde o final do ano passado. Segundo informações do chefe do posto indígena da Funai, Francisco Araújo Magalhães, a Prefeitura de Caucaia foi quem autorizou o fechamento do posto. Mas, segundo ele, a FNS está articulando junto à Secretaria de Saúde do Estado (SESA), a reabertura da unidade de saúde.

Enquanto isso não acontece, as mães indígenas enfrentam muitas dificuldades. De acordo com a auxiliar de serviços gerais, que trabalha no Centro de Saúde da Capoeira, índia Raimunda Rodrigues Teixeira, muitas mulheres grávidas estão tendo que ir fazer o pré-natal nesse local. Elas saem muito cedo de casa, e caminham cerca de oito quilômetros rumo ao Centro, distante cerca de oito quilômetros. Além de estarem grávidas, elas são acompanhadas por duas ou três crianças, que precisam se consultar na unidade de saúde. "É muito sofrimento", lamentou Raimunda Teixeira.

A esposa do cacique Francisco Alves Teixeira (conhecido como Alberto), Tereza Teixeira de Matos (conhecida como Mocinha), disse que as mulheres que precisam do posto de saúde, não têm dinheiro nem para comprar alimentos. "Como é que vão poder pagar transporte para se deslocarem até a Capoeira?", indaga Mocinha. Cacique Alberto denunciou que os índios não recebem nenhuma ajuda do governo. Acrescentando-se a isso, ainda continua a novela das terras delimitadas. É que até hoje, eles não ainda tiveram o direito de tomar posse nas terras.

**FALTA DE TRABALHO** — O cacique afirma que o índio só pesca carangueijo porque não tem terra para plantar. Eles também procuram so-



Paulo Rocha

As crianças são as mais prejudicadas por conta das doenças típicas advindas com a chegada das chuvas

breviver da venda do artesanato. Mas nesta época são muito poucos os pedidos. Atualmente, o cacique está com uma encomenda de 50 pulseiras para enviar para o Estado de Pernambuco. Mas ele informa que essas encomendas estão ficando cada vez mais raras. As pulseiras são preparadas com bambus, búzios, linha e osso, que são vendidas a R\$ 2,50 cada.

Ele explica que das comunidades, a da Ponte é a mais sofrida. Sem dinheiro para se auto-sustentarem, os índios recorrem a compra do fiado nas mercearias próximas da área. Como a pesca do carangueijo ficou difícil porque o rio está com muita água eles aguardam a safra da areia, que vai do período de março a agosto. Cacique Alberto reconhece que a atividade é ilegal, mas disse não poder fazer nada. O importante é encontrar meios de sobrevivência. A areia é retirada do leito do rio e vendida para os comerciantes de depósito de material de construção ou construtoras.

**CUIDADOS MÉDICOS** — O Centro de Saúde da Capoeira mantido pela FNS, construído especificamente para atender a população indígena, ainda presta atendimento ao restante da comunidade de Caucaia em alguns casos de urgência,

vacinação, como também acompanham pacientes hipertensos e diabéticos. No local, os índios têm o atendimento básico como vacinação, consulta médica, exames laboratoriais (todo tipo de patologia clínica, inclusive, exames de prevenção de câncer e o de coloscopia).

A equipe de multiprofissionais é composta por um pediatra; um obstetra - que também atende na parte clínica -; duas enfermeiras; quatro auxiliares de enfermagem; um laboratorista; um auxiliar de saneamento básico; e cinco funcionários índios, entre homens e mulheres. A médica responsável pelo Centro, Rosana Pereira Sá Busgaib, informa que o Centro ainda não conta com um dentista para atender os índios com problemas de cárie dentária. Mas disse que está sendo providenciado. Os índios têm à sua disposição vitaminas e todos os medicamentos da parte de atendimento básico como antibiótico, analgésico, remédios para verminoses, anticoncepcionais e cremes vaginais. Rosana Busgaib informa ainda que uma média de 80 pacientes por dia são atendidos no local, sendo à maioria composta por crianças. Ela ressaltou que as doenças mais prevalentes entre a população indígena são reflexo das condições de moradia, educação e subsistência.